

CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História
da Universidade de Lisboa

23



Ἐπισημοῦς ἱστορικοῦ κέντρου τοῦ Πανεπιστημίου
Ἐπισημοῦς ἱστορικοῦ κέντρου τοῦ Πανεπιστημίου
ΜΗΝΙΝ ΑΕΙΔΕ ΘΕΑ ΠΗΛΗΙΑΔΕΩ

metodológica, não podemos deixar de aplaudir a perspectiva abrangente, o olhar globalizante, que toma as ditas «civilizações pré-clássicas» e as ditas «civilizações clássicas» como um todo de fronteiras ténues, essencialmente mediterrâneas, que conviveram no espaço e no tempo, em determinadas circunstâncias, e que, por isso mesmo, não deixaram de interagir e de se interinfluenciar. Trata-se efectivamente de um método a reconhecer como válido e que vem no seguimento de outros autores e investigações, como por exemplo as de M. L. West.

Menos positiva é a opção de apresentar, no primeiro caso, como bibliografia final apenas uma lista complementar aos estudos que vão sendo citados ao longo do volume. Seria muito mais prático para o investigador/leitor que vier a recorrer a este livro encontrar uma listagem final completa, como toda a informação referida. No segundo volume, nem sequer existe essa tão necessária listagem. Os índices, pelo contrário, são pormenorizados e da maior utilidade em ambos os livros.

Nuno Simões Rodrigues

MARCO FANTUZZI, *Achilles in Love. Intertextual Studies*, Oxford: Oxford University Press, 2012, 317 pp. ISBN 978-0-19-960362-6

O problema das relações amorosas de Aquiles parece ter sido um dos que, praticamente desde a Antiguidade, parecem ter preocupado os vários autores que a ele se dedicaram. Bastará recordar que, na origem da *Iliada*, está uma disputa de natureza amorosa, que parece condicionar todo o desenvolvimento do poema e determinar mesmo o destino das personagens centrais. Com efeito, não fosse a ira de Aquiles desencadeada pela perda de Briseide, e provavelmente nem Heitor nem Pátroclo teriam tido o fim que acabaram por ter.

O livro agora publicado por M. Fantuzzi regressa ao problema dos amores de Aquiles e, recorrendo à intertextualidade como metodologia essencial, analisa o «percurso biográfico» da personagem, a partir do prisma das relações amorosas que são tidas como «as paixões aquilinas»: Deidamia, Briseide, Pentesileia e, como não poderia deixar de ser, Pátroclo. Este é, aliás, um dos principais motivos de interesse do volume. Pois se, quer a partir da epopeia, quer a partir da tragédia, sobretudo, as paixões amorosas de Aquiles por aquelas três figuras femininas parecem ser mais ou menos consensuais (no caso de Deidamia as fontes são todavia mais díspares e no de Pentesileia mais abrangentes), no que diz respeito à «relação amorosa» com Pátroclo, o consenso é menos difícil de obter. Com efeito, desde a Antiguidade que os exegetas, comentadores e

glosadores em geral do tema parecem ter-se debatido essencialmente com o problema da natureza da relação entre Aquiles e Pátroclo. Enquanto nos Poemas Homéricos, em particular na *Ilíada*, a relação entre os dois heróis não é clara ou é suficientemente ambígua, deixando espaço para a discussão, noutros textos ela era reconhecida e assumida como pederástica. Esse parece ter sido o caso da tragédia perdida *Mirmidões*, de Ésquilo. Mas foi a ambiguidade que deu frutos e fez escola. Bastará visionar as adaptações cinematográficas contemporâneas, que tratam as personagens em causa, para percebermos que a maioria dos autores, no quadro das mais variadas circunstâncias optou por manter a não assunção ou explicitação de qualquer relação de natureza homerótica entre Aquiles e Pátroclo. Sejam quais forem as razões para as opções tomadas, a verdade é que pode sempre argumentar-se a legitimidade das mesmas com os textos antigos, ou pelo menos com alguns deles. Aliás, a análise do A. é paradigmática no que diz respeito ao uso das fontes, chegando a Estácio, a Quinto de Esmirna e a Nono de Panópolis, por exemplo. Ao mesmo tempo que estabelece comparações que passam por figuras como o Niso e o Eurialo de Vergílio, claramente devedores do espírito homérico.

O estudo de Fantuzzi, da maior qualidade científica, estabelece uma análise minuciosa e pormenorizada das problemáticas e das fontes, sendo enriquecido com abundante bibliografia e um útil índice remissivo. Gostáramos, porém, de ver algum espaço mais dedicado à relação entre Aquiles e Ifigénia, sobretudo em quadro euripidiano. O que não obsta que se trate de um livro altamente recomendável a todos os que se interessam por literatura e história da cultura grega antigas. Este é mais um momento alto da Oxford University Press.

Nuno Simões Rodrigues

MERIEL JONES, *Performing Masculinities in the Ancient Greek novel*, Oxford, Oxford University Press, 2012, 303 pp. ISBN – 978-0-19-957008-9

Os últimos trinta anos têm assistido a um desenvolvimento considerável da história antropológica e psicossocial, de que faz também parte a chamada história do género. À semelhança do que acontece com outros períodos cronológicos, a Antiguidade, e em particular a Clássica, não tem sido excepção. O estudo agora publicado por M. Jones é uma prova disso mesmo. *Playing the Man* é um competente estudo no domínio da teoria do género aplicada à *Altertumwissenschaft*, tendo o *corpus* romanescos grego antigo como ponto de partida.